

repertório da

SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE AUTORES

SPA

A MANTILHA DE BEATRIZ

Carlos Wallenstein



REPERTÓRIO DA SOCIEDADE DE ESCRITORES
E COMPOSITORES TEATRAIS PORTUGUESES

A MANTILHA DE BEATRIZ

FARSA EM 3 ACTOS DE
CARLOS WALLENSTEIN

SOBRE O ROMANCE DE
MANUEL PINHEIRO CHAGAS



LISBOA — 1973

ESCLARECIMENTO SOBRE ESTA «MANTILHA DE BEATRIZ»

Pedro Bom pediu-me que fizesse, para representar no Teatro Popular de Lisboa, uma adaptação dramática do romance de Manuel Pinheiro Chagas *A MANTILHA DE BEATRIZ*. Não conhecia o romance; não vira o filme dele extraído que percorreu todo o Portugal com êxito estrondoso. O romance, ao lê-lo, pareceu-me dirigido ao gosto popular, como esta expressão era entendida em pleno romantismo do século passado e como ainda hoje se entende em muitos sectores. Pinheiro Chagas, no artificioso intróito e sequente epílogo, certamente saborosos na sua época, denuncia a fonte da narrativa: a comédia de Calderón de la Barca *Antes que todo es mi dama*. Eu não lera a obra de Calderón e não a quis ler.

Aceitei a incumbência do director do Teatro Popular de Lisboa porque me apeteceu colaborar na circunstância saudável dum espectáculo popular, fora do estilo, aliás respeitável, das revistas e das comédias do Parque Mayer. Uma peça de comunicação directa, sem interferências filosofantes, sem problemática activa nem mensagem funcional; feita, porém, com o escrúpulo de situar as personagens nas suas coordenadas sociais; uma peça que fizesse rir sem prejuízos e sem medo — foi o que de momento julguei útil e possível dar ao bom povo de Lisboa. A certo sector de opinião (e até mesmo a mim próprio) não parece que fornecer um espectáculo tão gratuito seja o melhor que há a fazer pelo povo em Portugal. Mas o riso sempre foi coisa boa em todos os tempos; e dentro da arte dramática tem permanecido mais durável do que os condicionalismos da moda e do que a adopção epocal de estilos e de problemáticas.

RIAM, MEUS SENHORES, RIAM! Este é o banquete que desejei servir-vos. Se no fim do espectáculo,

mercê da habilidade dos comediantes e desta verve voluntariamente enxertada em Pinheiro Chagas, verificar que ristes honestamente, alcancei a minha finalidade.

Escrevi a peça em quadros sucessivos, preferindo o processo shakespeariano às unidades de acção. Optei, assim, por um maior convencionalismo pictural, em detrimento do convencionalismo da construção. Creio que, deste modo, posto que a técnica moderna do espectáculo pode facilitar uma série ininterrupta de quadros sem escuridões longas nem esperas fastidiosas, vereis a acção desenvolver-se ao longo das suas peripécias num espectáculo suculento, substancial, como acho que devem ser os espectáculos para o povo. Em exigente regime de purismo estético, a *quantidade* do que se oferece ao espectador não é elemento fundamental. Mas num espectáculo popular, julgo que sim. Aqui, o espectáculo é alimento para a imaginação, é preciso que se saia do teatro tendo muito que contar.

A peça é uma farsa de capa e espada. Certos quadros e certas personagens definem-se em estilo fantástico. Este é o plano da realidade que se aceita deformada, como convém a uma farsa, e mudada em fantasia. O resto, o que parecerá realidade, é que é a verdadeira fantasia. Bem sei que isto é um trocadilho. Mas é um trocadilho de estilos, ao nível da melhor lógica. Se o público e a crítica têm admitido — e se têm divertido — com trocadilhos disparatados, feitos em desserviço da arte do Teatro, porque não propor esta dialéctica de estilos, este diálogo dramático, tão válido como qualquer outro?

Junho de 1962

CARLOS WALLENSTEIN